

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

WALTER LESER
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da saúde pública no Brasil

Entrevistado - Walter Leser (WL)

Entrevistadora - Cristina Fonseca (CF)

Data – 08/12/1999

Local – São Paulo/SP

Duração – 2h04min

Transcritora - Suely Niemeyer Lamarão de Barros

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LESER, Walter. *Walter Leser. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da saúde pública no Brasil*, 1999. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 40p.

Data: 08/12/1999

Fita 1 - Lado A

CF - Bom, vamos começar, estamos no dia 8 de dezembro de 1999, conversando com o dr. Walter Lezer. Vamos iniciar hoje a primeira entrevista com a pesquisadora Cristina Fonseca. Dr. Lezer, vamos começar recuperando um pouco, se o sr. puder se lembrar um pouquinho, aonde o sr. nasceu...

WL - Sim, isso eu me lembro.

CF - ...da sua família, quem era o seu pai, sua mãe, é... e aonde o sr. passou sua infância.... O sr. tinha irmãos, tem irmãos vivos?

WL - Tenho... não. Vivos tenho irmãs só. Mais velhas que eu, você imagine, hem?! (ri)

CF - Que maravilha!

WL - É. Uma vai fazer 96 e a outra 94.

CF - Que maravilha!

WL - Eu fiz 90, né?

CF - Uma família de longevos, né?

WL - Mas outros já morreram, né?

CF - O sr. nasceu aonde, dr. Lezer?

WL - Aqui em São Paulo.

CF - Em São Paulo mesmo. E os seus pais também eram daqui de São Paulo?

WL - Não. Meu pai era francês.

CF - Francês?

WL - É, francês de Strasburg. (ri)

CF - Ah, de Strasburg!

WL - É. E minha mãe era brasileira de Campinas, família de Campinas. ... Mas...

CF - Descendente de quê? De...

WL - Ela era descendente de portugueses, lá longe, né?

CF - Portugueses.

WL - Da avó ou bisavó.

CF - Mas ela nasceu aqui em Campinas.

WL - Nasceu, nasceu em Campinas. ... E...

CF - E o sr. veio, nasceu já em São Paulo.

WL - E eu já nasci em São Paulo. (ri) Fui o único dos meus irmãos que nasceu aqui, o resto nasceu em Campinas, né?

CF - Ah, sim!

WL - Eu já nasci quando eles tinham mudado pra São Paulo.

CF - Sei. E seu pai veio pro Brasil por quê? Ele trabalhava com o quê? Tinha algum... alguma...?

WL - Não sei... ele... bem, entre outras coisas, ele era meio... ele era poeta.

CF - Ah, que maravilha!

WL - (ri) Tem um livro de poesias dele aí, que eu achei lá na Biblioteca Nacional em Paris.

CF - É mesmo?! Qual o nome dele?

WL - Paulo, (?).

CF - (Paul Guillion?) Lezer.

WL - É. E... Ele veio provavelmente como... imigrando, né? Porque, claro, pra ganhar a vida dele, né?! Ele era contador e coisa, e veio trabalhar numa grande firma francesa aqui, sabe? Que era... Casa Natan, que era uma grande...

CF - Natan?

WL - É. Uma grande firma francesa em São Paulo. Acho que acabou já. E... ... nós, lá em Campinas ele casou com a minha mãe, que era viúva, ...

CF - Ah, ela já era viúva!

WL - ...e ele viúvo também. (ri)

CF - É mesmo?!

WL - Muito interessante essa história. porque ele era viúvo, tinha uma filha e ela era viúva e tinha dois filhos. E casaram, né, e aí tiveram é... mais 4 filhos. Um morreu, né, ficamos eu e minhas duas irmãs. Mas o interessante é isso, que sendo assim parece que não podia dar certo. E deu muito certo. Foi uma irmandade muito unida, sabe?!

CF - Que maravilha!

WL - É. Apesar de... minha irmã mais velha, essa que já faleceu, que era filha dele, né?

CF - Do primeiro casamento do seu pai.

WL - É. Quando ela falava em mamãe, era a minha mãe, né? (ri) E as minhas irmãs quando falam, até hoje elas falam... eu falo: “Porque papai, não sei quê...” Era meu pai, né? Não era o pai delas.

CF - É, mas de qualquer jeito, de alguma maneira foram pai e mãe deles, né?

WL - É. Pois é.

CF - E ajudaram a criar.

WL - Muito interessante isso.

CF - E aí ele ficou então, sempre moraram aqui. E aí vieram pra São Paulo...

WL - Aí ficaram em São Paulo.

CF - E aí o sr. nasceu aqui em São Paulo.

WL - Nasci aqui. E aqui eu fiz... como toda criançada da época, fui pra escola, né?... Grupo Escolar. Hoje é ensino particular, tá tão importante, naquele tempo a gente ia pra Grupo Escolar. (ri) O que eu fiz foi Grupo Escolar. Depois fiz ginásio do Estado, né? E depois Faculdade de Medicina. Todos órgãos, escolas...

CF - Públicos, né?

WL - Escolas públicas, né? Por várias razões, entre as quais (ri) que não havia dinheiro pra pagar escola particular, né?

CF - E o ensino também era um bom ensino. O ensino público era bom.

WL - O ginásio do estado era melhor do... que havia em São Paulo, pra curso secundário. A prova disso é que na minha turma, a... (ruído)

CF - Só um instante, dr. Lezer... (pausa na gravação)

WL - ...havia vários alunos como eu, que estavam lá porque não podiam pagar escola particular, né? Mas havia muitos que não, que eram gente, filhos de famílias abonadas, né?! Mas que iam pro ginásio porque sabiam que era o melhor curso secundário que havia aqui, né? Professores fantásticos! Eu tinha vários professores no meu tempo, depois foram parando nas universidades, foram ensinar nas universidades, né?

CF - Quer dizer, o sr. teve uma ótima formação.

WL - Formação muito boa!

CF - E por que é que o sr., o sr. já tinha interesse por saúde...

WL - Não, não...

CF - ...pela medicina...

WL - Não, não... nada!

CF - Por que é que o sr. seguiu a carreira de medicina, foi fazer a faculdade de medicina?

WL - Não... não... Eu queria, a minha intenção era ir pra Escola Naval.

CF - Ah, é?!

WL - É. E me preparei pra ir pro vestibular da Escola Naval, que era principalmente ciências exatas, né? Mas... aí eu fui para o Rio, eu tinha um irmão que morava lá e ele disse: “Vem aqui que eu quero que você converse com alguns amigos meus que são da marinha, são oficiais, né?”

CF - Só o sr. ou tinha algum colega seu da escola secundária...?

WL - Não, não...

CF - ...que também tinha interesse?

WL - Não, só eu. E aí esses, eu conversei com esses oficiais amigos dele e eles me tiraram da cabeça a idéia, né? Disseram: “Não vale à pena.” (ri)

CF - Por quê? (ri) O que é que eles falaram?

WL - Eles disseram que pra poder ter mais possibilidades numa carreira naval era preciso ter parentes já lá, né? Almirantes e coisa. (ri) Eu não tinha, né?! E eu voltei pra São Paulo e ia fazer o quê? Naquele tempo não existia universidade, né? Era só... faculdades separadas. Então eu podia escolher medicina é... engenharia, farmácia, odontologia...

CF - Direito, né?

WL - Direito. Bom eu não tinha...

CF - Isso em que ano era, dr. Lezer?

WL - Isso era em 1928. (ri) Bom, o fato é que...

CF - A vida em São Paulo era muito diferente, né?

WL - Ah, era completamente! Então eu não sabia o estudar, né? Eu ficava... não sei por quê, eu não sei até hoje o que é que me deu na cabeça de estudar medicina! Por uma razão muito simples, porque inclusive, eu tinha feito um ginásio – um ginásio do Estado naquele tempo, a gente fazendo todas matérias, todas, né, sem abandonar nenhuma, porque tinha várias que podia abandonar: grego e... e...

CF - Latim...

WL - ...e uma das línguas. Porque eram 7 línguas, né?

CF - Grego, latim...

WL - Português, francês, inglês, italiano, alemão, grego, latim, né? Bom, e...

CF - Francês o sr. devia saber muito bem.

WL - Não, mas... Não.

CF - Por causa do seu pai...

WL - Porque o meu pai morreu eu era muito pequeno, né?

CF - Ah, é?!

WL - Eu tinha 4 anos só.

CF - Ah, é?! O sr. era bem...

WL - Não cheguei a... Então o resultado é esse, é que... quem fazia todas as cadeiras assim, né, sem nenhuma reprovação, recebia o diploma de bacharel em Ciências e Letras. (ri) Bom, mas o interessante é que...

CF - Aí o sr. não se lembra porque é que o sr. resolveu fazer medicina.

WL - Pois é. Pois imagine que na Politécnica eu poderia entrar sem vestibular! Com esse diploma. (ri) Com esse diploma entrava na Politécnica sem vestibular.

CF - Direto.

WL - Mas eu não sei... não sei, a gente não tinha idéia, né? Nunca se tem idéia, né! talvez...

CF - Muito novo.

WL - Hoje em dia, provavelmente, talvez eu fosse pra Politécnica, né? Naquele tempo não. “É medicina e tal...” Eu resolvi fazer vestibular, né? Bom. Esse vestibular serviu pra uma coisa, sabe? Serviu pra eu ficar com uma convicção profunda de que o sistema de vestibulares era uma farsa!

CF - Por quê?

WL - Claro, eram 3 provas: prova de química, física e história natural. Prova escrita e oral com ponto sorteado.

CF - De cada ma... cada...

WL - É. E ponto sorteado. Bom. Os examinadores, coitados, eram professores da faculdade. Nenhum deles estava... não estavam preparados pra examinar matéria de curso secundário, né? Então o vestibular era uma piada, né?

CF - E era muita gente, tinha muita gente concorrendo pra medicina na época?

WL - Não. Era uns 300 e tantos... Não era tanta quanto hoje. Eram uns 300 e tantos só, né? Mas... basta você ver, pra você ter idéia de como isso era absurdo, absurdo o regime de exames, é que havia prova escrita e oral e só passava pra oral, quem tivesse na escrita, em duas cadeiras, nota 5.

CF - 5. Senão nem ia pra prova oral.

WL - É. Se tivesse por exemplo: 10, 4 e 9; 4, 4 e 9, não ia.

CF - Nossa!

WL - Mas se tivesse: 5, 5 e zero, ia. Havia coisas que...! Bom.

CF - Uma lógica completamente deturpada, né? (ri)

WL - Eu por exemplo, tive, em física tive 7, em química 5 e em história natural tive 1.

CF - É mesmo, dr. Lezer?!

WL - 1! Por quê? Porque era ponto sorteado. Sortearam... e tinham me dito que em história natural caía uma questão de química... anatomia, uma de botânica e uma de zoologia, né? Então como eu tava assim, (???) que eu comecei a estudar, eu disse: “Vou estudar mais botânica, né? não dá tempo de estudar o resto!” Chego lá, sorteou o ponto e o sujeito escreveu na pedra: artrópodes, especialmente insetos. Eu digo: “Eu não posso, não é comigo! Eu não entendo, não sei nada disso, né!”

CF - E aí? (ri)

WL - Então eu perguntei: “E as outras questões?” “Não, é só essa.” (risos) Assim mesmo! Então eu sei até hoje de cor, a minha prova.

CF - É, o sr. tá lembrando do ponto que foi sorteado! (ri)

WL - E sei o que eu escrevi na prova!

CF - É mesmo?!

WL - Artrópodes são animais de patas articuladas. Vem do grego: *artos*, *podos*. Escrevi com letra grega. (risos)

CF - Que maravilha!

WL - Bom. Tive um 1 acho que por causa da letra grega. (ri)

CF - Que ótimo! Mas aí o sr. entrou! Porque passou, teve média...

WL - Pois é! Mas veja... como eu digo que era uma questão de... esperteza, de sangue-frio... porque eu passei, porque na prova oral de história natural, tanto como na escrita, eu cheguei lá, o examinador olhou: “Puxa, o sr. foi mal aqui na escrita, né?” Eu digo: “Eu sei. o sr. não escuta isso porque eu tive um branco na hora, não me lembrei. Vamos tocar o exame, né?” Mas tinham me dito já que ele quando um sujeito vinha com nota baixa, ele fazia logo uma pergunta bem difícil pra mandar o sujeito embora, né?

CF - Pra eliminar. E aí?

WL - Então, sorteei o ponto, caiu esqueleto e raiz. Em cima da mesa tava cheio de osso. Se ele pegasse um fêmur lá me mostrasse eu não sabia, né?

CF - E aí, dr. Lezer?

WL - Mas ele resolveu fazer uma... isso ele achou que era fácil, né, então resolveu fazer uma pergunta difícil, perguntou qual era o primeiro vestígio do esqueleto no embrião? Acontece que no ginásio eu tive um péssimo curso de história natural, (??) (ri) porque o professor gostava muito de embriologia, então isso eu sabia. Então você vê como eu digo que é a questão de sangue-frio... e um pouco de malandragem, né? quando ele... ele... sorteou esse ponto, eu digo: “Vamos ver o que é que ele vai perguntar!” E ele perguntou: “Qual é o primeiro vestígio de esqueleto no embrião?” Eu digo: “Tá bom, ele não me pergunta mais nada!” E tinha ampulheta em cima da mesa, né? Eu digo: “Ele não me pergunta mais nada!” (ri) Eu digo: “Posso ir pro quadro-negro?” Ele disse: “Pode.” Fui lá e pronto: comecei a mostrar a formação do ovo, depois a formação da mórola, da plastra... desenhando, e gástrula... e depois, e de olho na ampulheta, né? Quando eu vi que estava quase no fim, então eu disse: “Neste folheto há uma diferenciação celular e aparece a notocórdia, que é o primeiro vestígio do esqueleto no embrião.”

CF - Que maravilha! (ri)

WL - Ele ficou olhando pra mim assim como se eu fosse um ET, sabe? (ri)

CF - O sr. deu uma aula pra ele. (ri)

WL - Como se fosse um ET, sabe? Ele disse: “Está bem. Como é que o sr. foi fazer uma prova escrita tão ruim assim?” Eu digo: “Não vamos repetir isso. Eu já disse pro sr., eu tive um branco na hora e não pude lembrar de nada. Mas o sr. tá vendo...” Ele disse: “Tá bom.” E ele me deu 7 ou 8... E com isso eu entrei.

CF - Que maravilha!

WL - Então... Maravilha nada! No ginásio...

CF - Ah, foi importante o sr. ter passado, né?!

WL - Pois olhe, no ginásio... no ginásio eram 11 alunos, colegas meus, que foram fazer o vestibular. Três entraram. Os 8 que não entraram eu tenho certeza que eles sabiam muito mais que nós três. Não tinham... não tinham sangue-frio e essa sorte também.

CF - É. Porque tem uma dose de sorte também.

WL - Pois é. E depois esse tipo de vestibular... E eu fiquei...

CF - Na realidade o mérito...

WL - ...eu fiquei com raiva do vestibular. Eu digo: “Isso aí precisa ser mudado. Não pode continuar assim! E algum dia eu vou poder mudar.” E mudei. Você sabe, o vestibular hoje, com teste e coisa... quem criou ...

CF - Foi o sr., né?

WL - Fui eu, né? Bom.

CF - E aí o sr. entrou pra Faculdade de Medicina.

WL - Entrei.

CF - E aí como é que foi, o sr. lembra de alguns professores importantes que o sr. teve, pessoas que marcaram a sua formação, que lhe influenciaram...?

WL - Bom, nem tanto professores. Um assistente. Assistente de histologia, que era na época. Era um indivíduo chamado André (Dreyfus?) ... Você já ouviu falar?

CF - Já.

WL - Dreyfus era um gênio, né?! Era um sujeito formidável! Era assistente de histologia. Claro, muito bom assistente pra coisa, mas o importante é que ele, a sala dele era uma espécie de sala de

reuniões de alunos, sabe? E discutia-se tudo, né? Ele tinha uma cultura fantástica, né! Ele chegava pra gente, dizia: “Você já leu isso aqui?” “Não li.” “Então leva pra ler.” Ele é que me deu pra primeira vez... foi o primeiro que me deu um livro pra ler do... – Minha memória tá péssima, sabe?

CF - Que nada! O sr. tá lembrando de um monte de coisa aí! (ri) Como é que a memória tá péssima?!

WL - Não, não... Deixa eu ver como é que era o nome... .. É um...

CF - Depois o sr. lembra. Não tem problema.

WL - Que raiva que dá!

CF - Aos pouquinhos... Daqui a pouco o sr. pode lembrar.

WL - Que raiva que dá! Deixa eu ver.

CF - Era um livro de histologia?

WL - Não, não! Que livro histologia nada! O livro era... .. – Pôxa vida! ... De repente me dá um branco!

CF - Não se preocupe, dr. Lezer! Depois à medida que o sr. for falando o sr. vai lembrar.

WL - Esse livro...

CF - Não tem problema.

WL - ...esse livro é um livro extraordinário, né? Porque esse autor...

CF - Fala sobre o quê?

WL - Ele... Na realidade o que ele mostrava era que a gente precisa... pensar em cada assunto e saber por quê. Deixa eu ver... daqui a pouco eu me lembro.

CF - Foi um livro importante, que marcou o sr.

WL - Pra mim foi um livro decisivo na minha vida, sabe?! ...

CF - E foi sugestão...

WL - Do Dreyfus.

CF - Aí as pessoas se reuniam junto com ele pra discutir...

WL - Ah, ele era um centro, sabe?! De noite por exemplo, tinha um bar na Avenida São João, ele tinha uma mesa lá. Ficava ele, né, depois uma primeira fila de cadeiras assim, depois outra fila de cadeiras, né...

CF - Nossa!

WL - ...falando sobre tudo, né? Ele é que sabia tudo, né? E ele inclusive dava aulas extraordinárias pra quem quisesse. Na minha turma por exemplo, ele deu um curso sobre genética naquele tempo.

CF - Nossa!

WL - Ninguém tinha idéia disso, né?! Era de uma cultura! Foi muito meu amigo até morrer.

CF - Então foi uma pessoa que lhe influenciou muito ao entrar na faculdade.

WL - Ah, muito, muito, muito! Bom...

CF - Além dele, o sr. lembra de mais alguém que tenha...?

WL - Assim, de influência tão grande assim... A... eu não sei quem, porque...

CF - Cursos importantes que o sr. tenha feito...

WL - É. Tinha por exemplo, um professor de... cirurgia, né, que queria por força que eu fosse ser cirurgião, sabe? Gostou de mim, queria... me levou pra trabalhar na clínica dele. Era o maior cirurgião de São Paulo. E eu comecei a trabalhar lá. Mas depois eu vi, digo: “Isso não é, não é o que eu quero.”

CF - O sr. viu que não era o que o sr. queria.

WL - Não era. E eu digo, não é só o que eu não queria, é o que eu digo, pra ser cirurgião precisa ser rico. Porque precisa ter clínica, né?! E pra fazer clínica em cirurgia é difícil, né? Você via os assistentes dele lá, né, com vários anos de formados, que estavam lá ainda marcando passo, né? Mas eram gente de posses, né? (ri) E eu não, eu não tinha um tostão. Depois houve um sujeito que me influenciou demasiadamente, que decidiu a minha vida: Geraldo de Paula Souza. Né?

CF - Hum, hum. Foi um nome fundamental na Saúde.

WL - Paula Souza era professor de Higiene, né? Bom, aconteceu o seguinte, que ele tinha vindo dos Estados Unidos, ele tinha feito o *master* lá, né? Ele e o (Borges Vieira?). E então, num curso de Higiene, como ele tinha aprendido lá, eles davam umas noçõeszinhas de estatística. Uma banalidade média, desvio padrão e etc. Você pega um bando de alunos do 5º ano, metidos todos já a ser médicos...

CF - Isso já foi no 5º ano da faculdade...?

WL - É, 5º ano. Pessoal metido a ser médico. Então, ensinar... aprender média, desvio padrão, isso não é coisa de médico, né? Tinham horror daquilo, né?! E a maioria não sabia nem fazer uma raiz quadrada, né?

CF - E isso foi no curso de Higiene?

WL - Higiene. Mas eu gostei, sabe?! Eu achei aquilo interessante! (ri) Então o Borges que era o assistente, foi falar com o Paula Souza: “Tem um idiota aí que gosta desse negócio, né?” (ri) “Manda ele falar comigo.” (tosse) Eu fui lá, ele disse: “Olha, eu tô precisando de botar alguém aqui, mais tarde pra... assumir uma posição aqui em estatística. (Ensinar?) no curso de Higiene. E então você faz uma tese sobre estatística.” “Mas como é que eu vou fazer? Eu não sei nada!” Ele disse: “Não tem importância. Os livros estão lá na biblioteca, você vai lá e estuda, né?” “E quando eu não entender?” Ele disse: “Quando o sr. não entender o sr. vai pra casa, deita e reza. No dia seguinte você entende.” (risos) E é verdade! Era formidável, sabe? Então eu fiz...

CF - Aí o sr. começou a se preparar pra fazer a sua tese sobre estatística.

WL - Estatística. Ele disse: “Não é que precise de grande coisa, é só pra m... Não tem nada, nada, nada, escrito nisso! Pra mostrar quais são os métodos... quase didáticos, né? Não tem novidade nenhuma. Você vai mostrar quais são os métodos mais usuais, mais aplicáveis em medicina, né?” “Tá bom.” E eu fiz. Fiz, defendi a tese, né, e levei pra ele. E ele me disse: “Pois é, porque eu estava com um lugar pra você aqui como monitor, pra entrar no Instituto como monitor, mas cortaram a verba.” (risos)

CF - Ah, coitado!

WL - Eu digo: “Tá bom.” E eu precisando, que eu não tinha nada, né?

CF - Era o Instituto de Higiene na época, né?

WL - É, é. Atualmente é Faculdade de Saúde Pública, né?

CF - Faculdade de Saúde Pública.

WL - Então eu digo: “Tá bom.” Ele disse: “Bom, em todo caso, vamos ver...” Aí fundaram em São Paulo essa Escola Livre de Sociologia e Política, né? Que eram todos figurões aqui, o... (Simonsen?) e outros que fundaram, né? E... tinha o curso de Estatística, né? E tinha um engenheiro (tcheco?) aqui em São Paulo, muito competente, que foi contratado pra dar o curso. Mas ele ficou doente, então o Paula Souza disse: “Bom, tem um camarada lá no Instituto que... (ri) entende um bocadinho disso e ele pode ficar aqui até o professor ficar bom.” Mas não ficou bom, ele morreu. E eu então fui pra lá ser professor de estatística.

CF - Estatística. Me diga uma coisa antes, dr. Lezer, além do sr. ninguém mais se interessou por estatística durante o resto de curso de medicina ao longo...?

WL - Não. Não, não. E curiosamente, eu tinha um amigo de infância, de jogar futebol na rua. O sujeito tava formado, ele tinha se formado uns 2 anos antes do que eu e era neurologista. Mas era um sujeito extraordinário! E como era muito amigo, eu dei uma cópia da tese pra ele, né? E ele leu. E ele me disse: “Gostei muito! Preciso estudar esse negócio!” Aí... daí a uns tempos o Paula Souza me chamou, que tinha então um lugar pra mim lá.

CF - Pro sr. ir pra lá.

WL - Mas eu já não podia mais, porque eu tava já na faculdade de medicina, tava como assistente de química. (ri)

CF - Quer dizer, por enquanto o sr. ainda não tinha uma carreira voltada pra Saúde Pública especificamente não?

WL - Nada! Não tinha voltada pra nada! Bom.

CF - Mas o sr. de alguma maneira o sr. se interessou pela estatística,

WL - É, bom...

CF - ...que tem algum vínculo com a Saúde Pública, né?

WL - Mas o fato é que então eu não podendo ir, foi o Pedro Egídio pra lá, né? Pedro Egídio de Oliveira Carvalho. Ele aceitou o convite do Paula Souza com a condição: de que ele iria ficar dois anos fechados numa sala pra ficar estudando.

CF - Ah, ele se preparava...!

WL - Ele estudava 12 horas por dia pelo menos, né? Ele se transformou num dos maiores estatísticos matemáticos do mundo!

CF - É mesmo?!

WL - Uh, era uma autoridade, né! Morreu muito moço. Mas... Bom, e eu...

CF - Quer dizer então, só pra gente fechar o seu curso, a sua formação. Então o sr. fez a faculdade toda de Medicina sem ter clareza de que o sr. iria seguir a carreira de Saúde Pública.

WL - Não... não...!

CF - O sr. fez o curso...

WL - Não... não!

CF - E acabou se especializando um pouco na área de estatística, mas...

WL - Eu me... eu fiz o curso de Medicina pra ````````````````````ver depois onde é que eu poderia ganhar a minha vida. (ri) Onde fosse. Apareceu esse lugar de assistente de bioquímica do Cavalcanti, né, o Cavalcanti tinha chegado dos Estados Unidos, tinha feito concurso pra cadeira, né? E aí falou pro Paula Souza que ele tava precisando de assistentes, né, e o Paula Souza disse: “Mas o pessoal saber química é difícil!” “Não, eu não quero que saiba química, eu quero que não seja burro.” (risos). E o Paula Souza disse: “Bom, então tem aqui um sujeito que não é burro.” “Então manda ele pra mim.” Então eu fui lá e fiquei assistente dele, né? Sujeito formidável!

CF - Então o sr. acabou a faculdade e aí foi trabalhar então...

WL - Na faculdade mesmo.

CF - Na... na própria faculdade...

WL - Na cadeira de bioquímica.

CF - ...na cadeira de bioquímica.

WL - É, é. Como assistente.

CF - Aí o sr. começou a dar aula.

WL - Ele dá aula lá. Ele dá aula na Escola de Sociologia Política. E aí chega um dia o... criaram aqui em São Paulo a Escola Paulista de Medicina, né? E no 5º ano tinha então a tal cadeira de Higiene, né? Então o diretor da faculdade, dessa escola foi falar com o Paula Souza se tinha alguém lá pra ser professor dessa escola nova, né? “O que é que eu posso fazer? Eu não tenho ninguém aqui no momento que possa... Tem um que passou por aqui, né, e... e... gostou de muita coisa aqui.” “Então manda ele falar comigo lá.” Eu fui lá, ele disse: “Você está disposto? Só que tem que fazer concurso dentro de dois anos.” Eu digo: “Eu topo.” (ri)

CF - Tá. Aí o sr. começou a se preparar pra ser...

WL - Professor de Higiene...

CF - ...professor de Higiene.

WL - ...na Escola Paulista de Medicina.

CF - O que é que esse qua... qual, quais os assuntos, o sr. lembra? O que é que um pro... o que é que um curso de Higiene naquela época abordava?

WL - Abordava um pouco de epi... dava epidemiologia principalmente, né?

CF - Aí entra a estatística, né?

WL - E estatística, é. Então era isso.

CF - Era basicamente epidemiologia.

WL - Era. Basicamente epidemiologia. Epidemiologia geral e epidemiologia especial, né?

CF - Aí então o sr. se preparou pra fazer o concurso ao longo desses dois anos.

WL - Aí fiz o concurso. E fiquei professor na Escola de Sociologia, na Escola Paulista, né?

CF - Paulista.

WL - E tava lá, né? ... E lá então introduzi o sistema de vestibular com teste, né? lá que começou. No primeiro ano que fiz isso foi um escândalo, né? (ri)

CF - Aí que o sr. começou a mudar.

WL - É. E aí...

CF - Quer dizer de alguma forma então aí se definiu sua... opção pela Saúde Pública. Quando o sr. entrou pra escola Paulista de Medicina.

WL - É, pode... se é que isso pode se chamar de Saúde Pública, né? (ri) Ainda tava... tava trabalhando no que aparecia, né, no que eu gostava. Eu gostava desse negócio de seleção, né? E... aí um dia, havia uma reunião...

CF - Com quem que o sr. trabalhava lá? O sr. lembra das pessoas na época que trabalhavam com o sr.?

WL - Onde?

CF - Lá na Escola Paulista de Medicina.

WL - Bom, o (?), né, ... o Roberto (Baruzi?) ... Tem outros que eu não me lembro. Mas... aí houve uma reunião em Viña Del Mar, promovida pela Organização Pan-americana da Saúde. E essa reunião era sobre ensino de medicina preventiva em escolas médicas.

CF - Essa reunião é muito importante, né?

WL - Muito! Um negócio fabuloso! Bom, eles acharam o negócio tão importante que o diretor...

CF - Vamos recuperar um pouquinho. Em que ano foi isso?

WL - 55. Eles acharam tão importante que o diretor da... da...

CF - OPS.

WL - Dessa organização lá nos Estados Unidos...

CF - Da OPS.

WL - É. Era um chileno... o nome eu não posso mais... porque eu não tenho mais memória, sabe?

CF - Não, o sr. tá lembrando de tudo! Tá me contando a história toda! (ri) Não tem problema.

WL - Mas eles, eles então fizeram uma espécie de questionário sobre o que era esse efeito em termos de ensino de medicina preventiva, né, em cada escola e coisa e tal. Quais eram as idéias que havia, o que eles se propunham a fazer e coisa, né? E cada escola tinha que responder aquele questionário.

CF - Ah, isso.... mas o sr., o sr. participou dessa reunião em Viña del Mar?

WL - Não, isso foi antes!

CF - Antes da reunião.

WL - Antes da reunião.

CF - Esse questionário era preparatório da reunião.

WL - É, pois é. Aí chegou na Escola esse questionário, um diretor lá chegou, encarregou 3 pessoas de responderem o questionário, que eram: o Jairo Ramos – você certamente já ouviu falar – um grande sujeito, né; um outro que era... – bom, sumiu – e eu. Então fizemos uma resposta cuidadosa, né? Com todas as idéias que eu tava desenvolvendo naquele tempo. E fomos lá pra reunião em Viña del Mar. Bom, chegou lá, foi muito engraçado, porque eram... eram de todas as escolas da América... do Sul. Só não entrava a Venezuela. Senão me engano o resto entrava tudo. Escolas de medicina, tinha um monte, né? E então...

CF - E aqui do Brasil, o sr. lembra quem mais foi? Quer dizer, daqui de São Paulo foi o sr., quem mais?

WL - Foi o pessoal da Faculdade de medicina, foi gente da faculdade do Rio... tinha das escolas de todo Brasil! Mas lá então como era muita gente, eles dividiram em sessões com 3 grupos. Então eu tava num grupo, o Jairo tava no outro e essa outra pessoa tava num outro. Bom, e começou então, no meu grupo quem tava presidindo era um... um camarada senão me engano do Equador ou do Peru ou coisa parecida. E ele então disse: “Bom, então vamos conversar assim, cada um dá a sua opinião, né? Mas...”

CF - Recuperando a experiência, né, de cada um?

WL - Daí a pouco, sabe, ele chegou e... e disse: “Olha, eu tô”, nós estamos vendo aqui que nesses relatórios das escolas, praticamente há duas escolas só que responderam (ri) a coisa cuidadosamente. Que é a Paulista de Medicina e a Católica do Chile.”

CF - Nossa, é mesmo?! Porque os outros não responderam?

WL - Conversa só, né? Nenhum, ninguém tinha entrado a fundo no negócio.

CF - E o questionário ele... ele queria detalhes sobre como a medicina preventiva...

WL - Estava sendo ensinada... (interrupção da gravação)

Fita 1 - Lado B

WL - Vou fazer o seguinte, olha, o mais fácil, a gente faz o seguinte, a gente lê esses dois relatórios e depois discute (ri) e no fim fica em torno deles o resultado, o que você compreende, que no fim o relatório final saiu do quê? Saiu principalmente desses dois, né? (ri) Que nós e a Universidade Católica estavam muito parecidos. Então o relatório final de Viña del Mar foi muito (ri) o relatório da Escola Paulista e do Chile.

CF - Ah, que coisa interessante! E o sr. lembra mais ou menos do que, quais eram as principais idéias que no relatório...?

WL - Bom, a principal era isso: que medicina preventiva não podia mais ser ensinada numa cadeira de 5º ano! Não é? Tinha de ser ensinada durante o curso todo! E com separação, incluindo estatística e epidemiologia geral, epidemiologia especial. E isso ao longo do curso, né, e procurando influir em todas as outras disciplinas pra que os aspectos preventivos fossem... Bom.

CF - Uma ênfase muito grande na prevenção, né? Quer dizer uma coisa que apresenta... .. (pausa na gravação?) Saúde Pública, ela tem que estar antes de mais nada apoiada em práticas preventivas.

WL - A formação médica tem que ser preventiva. Isso já no... é claro que quem vai exercer a Saúde Pública são médicos, né? Médicos, então esses têm que estar voltados pra prevenção, né? Isso é... é consequência.

CF - Agora, muitas pessoas entram na Faculdade de Medicina, já direcionadas pra clínica, querendo... né, ter uma prática médica voltada pra uma especialidade, pra... E aí como é que isso era recebido pelo meio acadêmico?

WL - Pois é, você... o negócio é você conseguir influenciar todas as outras cadeiras, né? Então, quando nós voltamos pra São Paulo eu fui pra escola e disse: “Olha, só tem um remédio, a escola propôs e precisa cumprir agora isso! E para isso é preciso criar então, não uma cadeira de higiene... temos que transformar isso num Departamento de Medicina Preventiva! (ri) E foi criado o Departamento de Medicina Preventiva.

CF - Aí que foi criado o departamento.

WL - E aí então começamos a dar aula no 1º ano, no 2º, no 3º, no 4º, no 5º e até no 6º. Quer dizer, nos primeiros anos era mais na parte é... de epidemiologia, estatística e etc. Depois epidemiologia, depois... preventiva clínica nos últimos anos. Um programa por exemplo de... pediatria. Pediatria é um campo fantástico pra prevenção, né! Então os... os meninos, os rapazes iam... eles recebiam uma ou mais crianças pra examinar em casa. Ia em casa pra saber como é que tava acontecendo, como era a vida daquele pessoal. Bom, depois iam pra discutir com os professores, né? Porque quando as crianças vinham pra ser examinadas eles acompanhavam os exames, né, e ver que espécie de consequências teriam havido de erros durante o crescimento da criança, né? Bom.

CF - E isso era feito nas outras cadeiras também? Aí o sr. deu exemplo na pediatria, né?

WL - Pediatria.

CF - Pois é, em outras...

WL - Agora, em clínica por exemplo, né, o próprio Departamento de Medicina Preventiva criou uma... uma... um serviço de clínica diferente, né? Quer dizer, clínica não é que o sujeito ia lá pra, com um diagnóstico, ele ia pra um ambulatório geral em que ia ser feito primeiro... bom, aí ia evitar. Eu por exemplo, não entendia nada de clínica, né? Não, nunca... Então eu fui falar com o Jairo, disse: “Você me arruma alguém bom pra tomar conta disso.” Ele indicou o (Magide?), né? e o Magide ficou tomando conta disso. Toma conta até hoje, né? Depois ficou como diretor do departamento quando eu larguei. Mas...

CF - De um modo geral houve uma boa receptividade...

WL - Ah, houve!

CF - ...à... à essa proposta?

WL - Ah, houve, houve! Você pega por exemplo, o... o pessoal de clínica também ficava muito dependente, vamos dizer, do nosso departamento, por causa da estatística. Porque eles faziam um trabalho lá que quem fazia o planejamento (ri) eram... éramos, era o nosso departamento, né?

CF - Porque eles não tinham, né, gente habilitada pra isso, né?

WL - Depois tá mantendo! Agora já tem, sabe?!

CF - Mas na época...

WL - Mas na época não tinha! De maneiras que chegava lá dizia: “Tô querendo, tô precisando de tal coisa. Como é que eu faço?” “Muito bem. Vamos fazer o planejamento, né?”

CF - Interessante. O sr. se lembra de mais alguma coisa dessa reunião de Viña del Mar? Que é tão importante essa reunião, dr. Lezer! Houve muito debate?

WL - Houve! Houve muito debate. E houve muito... bom, aí é que tá. É que muita gente não tava, digamos, ainda pensando... seriamente nesse assunto. A prova disso é que aqui, numa faculdade que eu conhecia bem, tinha um... um... mandou um representante lá que era um professor de dermatologia. E ele chegou lá e disse: “Não, nós estamos lá com... lá nós temos, lá tá muito bom. Nós temos lá na faculdade, nós temos o Instituto de Higiene, né, que ia ser o encarregado de fazer o ensino. Mas o Instituto de Higiene não estava interessado em... nem era o... objetivo dele de pensar em uma... uma medicina preventiva no curso, né? eles ensinavam lá no Instituto de Higiene aquelas coisas que achavam que eram importantes, né?”

CF - Que coisas eram essas, o sr. lembra?

WL - Era mais... um pouco de epidemiologia, um pouco de estatística... mas não havia, vamos dizer, um... um entrosamento com as outras cadeiras, né? Agora eu não sei como está, né? Deve ter melhorado, né?

CF - Era uma discussão muito separada, né? Não tinha, não havia uma...

WL - É. Agora eu não sei. Não sei... não sei como mudou depois, né?

CF - Não, mas nessa época.

WL - Na época não. Era bem... não se tinha muita idéia de prevenção e de Saúde Pública, né?

CF - Que... O Juan César Garcia foi uma pessoa muito importante também. O sr. chegou a conhecê-lo?

WL - Não. Da onde era?

CF - Ele era uma pessoa importante na área de... de... Como... ele era o... uma pessoa que, ele publicou uma série de trabalhos... falando da importância de se enfatizar... Ele fez uma ponte entre as Ciências Sociais e a Saúde...

WH- Mas aonde ele fez (?)?

CF - Ele... ele participou da reunião de Viña del mar, senão me engano...

WL - Ah, é?!

CF - É.

WL - Mas ele era brasileiro?

CF - Não. Não era brasileiro não. Ele era uruguaio ou chileno. Agora eu não sei.

WL - Ah, bom! Pode ser.

CF - É. Ou argentino... Agora eu não sei (???)

WL - Se ele não tava no meu grupo era difícil, né?

CF - Aí o sr. não conhecia.

WL - Eu entrei em contato mais com um rapaz da Argentina, que depois fiquei amigo dele. Era um bom sujeito. Mas eles lá estavam desesperados porque era naquele tempo do Perón, né? Então... abriram matrícula nas faculdades de Medicina, né? Então tinha 3 mil alunos em cada sala, em cada classe. Você já imaginou?

CF - Nossa mãe! Então não tinha nem como a faculdade...

WL - É...é... Não, eles estavam desesperados, né? Uma vez passamos por Buenos Aires, ele me levou lá pra ver. Aí me levou e disse: “Olha, aqui é a sala de aula. Aqui que eu dou aula.” Eu disse: “Mas péra um pouco, não tem 3 mil?” Ele disse: “Bom, quantos você pensa que vêm... na aula?” Eu digo (ri): “Bom, são 3 mil, né? Metade pelo menos.” Ele disse: “Não! Vá diminuindo!” No fim ele disse: “Quando tem 50 é muito!”

CF - Nossa!

WL - Eles estavam loucos, coitados!

CF - Nossa... Dr. Lezer, e havia algum tipo de troca entre essas propostas, essas mudanças que estavam sendo realizadas aqui e as faculdades, a Faculdade de Medicina do Rio ou a Faculdade de Medicina de Recife...?

WL - Eu não sei. Eu acho que não. Eu não me lembro, sabe?

CF - Não.

WL - Eu não me lembro de nada muito...

CF - Quer dizer, essa experiência toda que o sr. está contando, que o sr. viveu, foi muito aqui, né? Uma experiência, um processo muito das pessoas que estavam trabalhando aqui na Escola Paulista de Medicina...

WL - É.

CF - Não havia uma troca pra saber se as outras faculdades de medicina também estavam desenvolvendo propostas semelhantes...?

WL - Não. Mas isso, na Escola Paulista pra mim teve uma consequência muito grave, né? Porque eu tava lá calmamente um dia quando... me telefonaram dizendo que o Abreu Sodré queria falar comigo, né?

CF - Ah, é?

WL - Ele ia assumir a presidência do governo do estado, né? E eu nunca fiz política, não conhecia, não sabia quem era, nunca fui filiado a nenhum partido... Digo: “O que será que ele quer?” “Eu quero que você vá pra Secretaria da Saúde.” Eu digo: “Você tá louco, né? Eu não sirvo pra isso, não sou político! Não sou louco! Só vou arranjar encrenca.” Disse: “Não, mas é isso que eu quero.” ...

CF - Ele queria o sr. exatamente porque o sr. não tinha um envolvimento político.

WL - É. ... E ele sustentou isso. Ele faleceu agora no mês passado, né? Um grande sentimento meu porque foi um grande sujeito. Porque eu não conhecia, né? E o pessoal me dizia: “Você não fica lá um mês, né! Porque os políticos vão fazer tal pressão que você não vai agüentar, né?!” “Eu não. Não faço questão nenhuma, né?” No fim, ele cumpriu rigorosamente. O pessoal ia lá pedir, esses

pedidos de político, né, porque sempre... principalmente na área de pessoal, né, pra proteção e coisa. E eu dizia: “Não e não e não...!” “Mas não pode, o sujeito é do partido...!” Eu digo: “Eu não sou de partido nenhum! (ri) Não tenho nada com isso!” “Ah, então eu vou falar com o governador!” Eu digo: “Corra lá, né! Você fala com o governador! Eu não posso fazer, né, porque é imoral! Mas ele se quiser, ele põe um outro secretário aqui e o secretário faz, né? E fica ele contente, fica você contente, fico eu contente mais ainda de largar desse negócio! Né?” Aí alguém escutou uma vez uma conversa de um deputado desses com o Sodré. Chegou lá e disse: “Pois é, tem lá um rapaz, né, lá da cidade – o sujeito vinha do interior, né? – e é muito bom sujeito, é secretário do partido, né, do diretório. Muito bom, muito competente e coisa. E ele é funcionário lá da Secretaria da Saúde, ele quer uma promoçãozinha, uma coisa à toa, né, que...” “Ah, é? O que é que o Lezer disse?” “Ele disse que não faz.” “Ele disse que não faz! Pôxa vida aquele Lezer é duro, chato mesmo! Ele não faz nem o que eu peço.” (risos)

CF - Ah! ... Que ótimo, dr. Lezer. Então ele lhe respeitava. O sr. tinha autonomia pra decidir.

WL - Ah, não! Nós ficamos amicíssimos! Ele acabou, acabei muito amigo dele. Senti muito a morte dele, que era um grande sujeito.

CF - E essa época que o sr. foi da Secretaria o sr. se lembra das coisas mais importantes que o sr. conseguiu fazer...?

WL - Bom, teve uma coisinha de certa importância: a erradicação da varíola, né?

CF - Como é que foi? Vamos contar. Como foi?

WL - A varíola tinha, era um problema, né? E eu... a Organização Mundial tava fazendo, tentando a erradicação no mundo, né? Aí chegou aqui no Brasil, eles vieram falar comigo, no Ministério, se a Secretaria participaria... Digo: “Não, a Secretaria não participa, a Secretaria toma conta disso. Aqui em São Paulo, nós fazemos, não precisa vocês, né!” (ri) “Pode deixar.” “Só vocês me fornecem a vacina – que eles forneciam a vacina seca, né, desidratada e alguns (?) que eles também davam – o resto...”

CF - Mas o Ministério não se envolvia...

WL - ...o resto pode deixar por minha conta.” Aí eles trouxeram, tem uns cartazes que nós fizemos pra propaganda, uma coisa muito séria. Eu disse: “Meu Deus do céu! (ri) Tinha uns cartazes com um sujeito com cara de varioloso, sabe, cheio de pústula (ri). Eu digo: “Eu vou botar isso aí eu espanto o pessoal!” (ri)

CF - O Ministério da Saúde já trouxe esses cartazes pra poder lançar...

WL - É, trouxe pronto. Eu disse: “Eu não quero não! Esse pode ficar!” (risos) “Pode deixar por minha conta.” Aí telefonei pro Maurício. Você conhece o Maurício. Ele faz essas fitinhas da Mônica...

CF - Sei, sei!

WL - É ele! Telefonei pro Maurício e disse: “Olha Maurício, eu preciso que você me faça um favor, faça dois cartazes: um mostrando que todo mundo tem de ser vacinado e segundo que quem já foi vacinado tem de ser vacinado outra vez. Dois cartazes. Você me faz?” “Faço! Pode deixar.” E ele me fez, sabe? Foi uma beleza, né? E... .. Aí eu disse: “Bom, agora pra tocar essa vacinação...” Porque nós estamos, estávamos procurando vacinar 18 milhões de pessoas, né?

CF - Muita coisa, né?

WL - No estado inteiro e fazer aquilo, você não podia fazer. Tinha que ser, tem fazendas e coisa em cada lugar, né?

CF - Como é que era a estrutura dos serviços nessa época? Quer dizer, como é que a Secretaria de Saúde...

WL - Não... para a varíola fizemos uma campanha: Campanha de Erradicação da Varíola. CERV, né? E eu precisava de alguém pra tomar conta daquilo, né?

CF - Nos municípios havia colaboração?

WL - Sim..., mas... eu não queria contar muito com isso, né? Eu contava com a participação do próprio pessoal da Secretaria, né? Mas... pra campanha, eu fui procurar um sujeito que eu sabia que ele tinha trabalhado naquela... naquela campanha do... do (Onophollis Gambia?) do Nordeste.

CF - Sim. ... Quem é?

WL - Peraí.

CF - Daqui a pouco o sr. lembra. Não se preocupe.

WL - É... é... (Rui Chuais?) ... (???) “Onde é que está?” Disse: “Ele tá dando aula em Araraquara.” Eu: “Telefona pra lá.” Telefonei pra lá: “Rui, quero que você venha conversar comigo aqui. Tenho uma proposta pra fazer pra você.” Ele veio. Aí ele entrou na sala eu digo: “Ô Rui, eu tenho um trabalhinho pequeno pra você fazer: tomar conta da Campanha de Erradicação da Varíola.” O olho dele acendeu, sabe! (ri) “Quando é que começamos?” Eu digo: “Já!” Ele fez seleção...

CF - Aí ele veio pra cá.

WL - É, veio. Ele fez seleção de pessoal e coisa. Mas foi um negócio que você não pode imaginar! A... foram vacinadas eu acho que 18 milhões mesmo, em dois anos. Vindo da periferia pro centro, né? Acompanhando o deslocamento da população. (voz ao fundo) Então ele marcava...

CF - E isso tudo só com funcionários, com a supervisão da Secretaria Estadual.

WL - Estadual. Com esse pessoal que foi contratado pra esse serviço, né? E esse pessoal... o Rui fez as regras, né? Comportamento, né? (ri) Então ele disse: “Bom, vocês têm que ter comportamento exemplar, que vocês não podem sujar o nome da Campanha, né? Nem fica certo. Tem... Qualquer infração só tem uma penalidade: é rua!” (ri)

CF - Ele era rigoroso, né?

WL - Sabe que durante... eram uns cento e tantos vacinadores, né? Eu acho que durante a Campanha toda teve uns 2 ou 3 que ele precisou botar pra fora, o resto não. E até pouco tempo atrás, de vez em quando, eu tava andando na rua, vinha um camarada e batia no meu ombro: “Professor, lembra de mim?” Eu: “Não tô lembrado.” “Eu era da CERV!”

CF - Ah!

WL - Eles têm orgulho, sabe? ... Bom.

CF - E aí? Como é que funcionou então a Campanha? O sr. conseguiu montar esses cartazes, com a ajuda do Maurício, chamou o...

WL - Bom, aí... aí a gente mar... estabelecia uma determinada zona pra ser vacinada naquele período. Então iam duas educadoras, que até hoje são minhas amigas, né? Uma delas tá até fazendo tese, até tá continuando a carreira, tá fazendo mestrado agora. Mas elas iam uma semana antes pra movimentar a população, prefeitura e... e todos os órgãos e coisa e tal, chamadas nos jornais e tudo pra... levantar...

CF - Divulgar.

WL - Divulgar. E marcava a data! Em geral era um domingo à noite.

CF - Domingo à noite?!

WL - Domingo à noite. Às 8 horas.

CF - Por que domingo de noite?

WL - Porque é a hora que todo mundo tá livre, né? 7 horas, marcava pra começar, né? Então, nas cidades grandes, eu ia, né? (ri) Eu ia pra...

CF - Pra assistir, pra acompanhar, né?

WL - É, pra acompanhar. Você precisava ver, ficava... eu me lembro de cidades em que tinham avenidas assim, ficava aquela forrada de gente, né? Forrada de gente. E você (??) e ‘chec’, ‘chec’... (??), né?

CF - E acabava tarde, se começava...

WL - Chegou-se a vacinar-se numa noite 30 mil pessoas.

CF - Muita coisa!

WL - Era uma coisa fantástica! (ri) E...

CF - E as secretarias municipais não participavam disso...? Não havia problemas com as autoridades de Saúde do local, não?

WL - Não! Não tem. As autoridades de saúde local não existem. Isso é conversa! Não... a gente que tocava. E eu... o fato é que...

CF - Então durou dois anos a campanha.

WL - Dois anos. Mas começou em agosto e terminou em agosto, né? Mas já em janeiro do segundo ano aconteceu o último caso de varíola no estado. Aí veio o pessoal da Organização pra fazer uma avaliação. Eles correram o estado inteiro, verificando primeiro: se todo mundo estava com cicatriz, né? ...

CF - Pra confirmar se houve a vacina mesmo.

WL - Se todo mundo tinha sido vacinado e se tinha pegado, né? Bom, e eles apresentaram um relatório dizendo que poucas vezes se viu uma cobertura tão completa, né? (ri)

CF - Maravilha.

WL - Foi um sucesso! E isso serviu de experiência depois, na segunda vez que eu estava na Secretaria com a... com a meningite, né?

CF - É, já foi mais na frente, né?

WL - É, aí foi... foi em 75. Mas...

CF - Mas então, quer dizer, nessa época então o sr. estava falando da época que o sr. tava à frente da Secretaria da Saúde, né? Quer dizer, uma coisa importante então foi essa campanha pra erradicação da varíola...

WL - De varíola, né? De erradicação da varíola.

CF - E como a Secretaria era estruturada na época? Quer dizer, como é que os serviços de saúde funcionavam...?

WL - Ah, foi tudo es... foi tudo reestruturada na reforma, né?!

CF - É. Fala um pouquinho sobre essa reforma, dr. Lezer.

WL - Ué! A reforma, primeiro: a idéia eu já disse pra você, a idéia básica o que era? Centralização normativa e descentralização executiva. De maneiras que foram criadas três coordenadorias: uma coordenadoria de saúde da comunidade, que era pra tomar conta de centros de saúde e coisas; uma coordenadoria de saúde mental, para... esses problemas de... psiquiátricos, e uma coordenadoria de assistência hospitalar. E essas coordenadorias tomavam conta de tudo. E tinha mais uma ainda que

era a de serviços técnicos especializados. Que isso era pra Butantã... Instituto Adolpho Lutz, órgãos de pesquisa e coisa, né? E funcionava bem!

CF - E a parte, quer dizer, lembrando um pouco, quer dizer, da sua preocupação com a medicina preventiva e a sua participação na reunião de Viña del Mar..., quer dizer, como é que ficou essa parte, como é que ficou estruturada e como é que era o trabalho de medicina preventiva nessa época? O que é que a secretaria fazia?

WL - Na Secre... Bom, na Secretaria o que eu encontrei logo de cara foi a necessidade de organizar... es... um... estruturar direito o problema de vacinação. Não há nada tão importante em prevenção como vacina. Bom, então aqui nós tínhamos uma vacinação... vamos dizer, episódica. De vez em quando entrava um secretário e resolvia fazer vacinação contra pólio, né? Então fazia um dia de vacinação contra a pólio, né, vacinava não sei quantas mil crianças e coisa, e pronto, depois esquecia. Então você pegava os casos de pólio caíam, depois cresciam outra vez, né? E...

CF - Porque não havia uma constância, né?

WL - Bom, sobretudo eram episódios, né? Eu achava que não, eu achava que vacina devia ser uma atividade constante de centro de saúde. Aí então... há poucos dias atrás houve até uma comemoração aí de... 30 e tantos anos, não sei quê. Tem também o Instituto de Saúde que foi criado na reforma, né? Que é um órgão sobretudo de avaliação, né? E há poucos dias eles me chamaram pra uma comemoração de sei lá, de 30 e tantos anos e não sei quê... das primeiras normas, normas de programas de vacinação. Essas normas então davam para cada vacina, qual era a época, as épocas de fazer, quais eram as dosagens, quais eram... tudo, tudo, tudo!

CF - Quem elaborou isso?

WL - Isso foi principalmente um camarada que era do Instituto de Higiene e muito meu amigo, era da Secretaria também, o Santos. Eu acho que tá vivo ainda! Pelo menos a última notícia que eu tive, ele tava vivo ainda. (ri) Mas... ele trabalhou junto comigo nisso. E fizemos esse regimento, essa coisa. Então... que a criança, marcando, quer dizer, que a criança quando chegava no centro de saúde... já tinha as datas certas de fazer as vacinas, todas. Quer dizer, tudo. Naquele tempo ainda se fazia varíola, né, que hoje não precisa mais, né? Mas era... difteria...

CF - Tétano, coqueluche...

WL - Tétano... coqueluche... Bom. E pólio, né?

CF - Como é hoje, né? Quer dizer, toda a criança tem o seu cartão de vacina. Isso foi criado nessa época.

WL - Foi criado nessa ocasião. (ri) Fui eu que criei o cartão de vacinação. Contrariando a opinião de uma porção de gente que veio me dizer: "Isso é uma besteira!", né?

CF - Por que é que achavam que era besteira?

WL - Porque as mães vão perder isso, elas não estão se incomodando, né? Elas perdem, né? E não faz mal, se perder a gente dá outro, né? Mas o importante é que elas vão ter um documento de qual é a situação dos filhos em matéria de vacinação, né? E eu contrariando essa opinião, nenhuma mãe perdeu, (ri) que eu saiba, nenhum cartão, né? E até hoje essas mães aparecem com o cartão, né? Era... era bonito, sabe?

CF - Agora, isso não existia em lugar nenhum, dr. Lezer. Quer dizer, isso foi uma criação... isso foi feito aqui em São Paulo...

WL - São Paulo.

CF - E o sr. não sabe, no Rio de Janeiro, em Recife... não havia...

WL - Não sei. Depois mais tarde o Paula do Ministério, criou também, introduziu o cartão também, né, de vacinação.

CF - E aí que generalizou, né?

WL - Não sei, depois. Mas era...

CF - O sr. acha que nessa época, que eu lembro que o sr. estava falando antes da gente começar a gravar, da... da... dos vários órgãos que existiam na área da saúde que tinha: um instituto de puericultura, um posto de saúde, tinha... na época que o sr. esteve à frente da Secretaria de Saúde, o sr. acha que o sr. conseguiu dar um... apoio...

WL - Acabou tudo isso!

CF - O sr. acabou com isso.

WL - Acabou centro de saúde. Funcionou uma coisa chamada Centro de Saúde! Centro de Saúde que tem em todo, tem os serviços de... de... os programas. E criamos também os programas, né? Então tem o programa de assistência materno-infantil. Tem o programa de assistência ao adulto, com subprogramas de tuberculose e hanseníase, né?

CF - O centro de saúde era o foco, né?

WL - É o centro!

CF - Do ponto, né?

WL - Bom, aí nesse ponto eu tava seguindo o Paula Souza, que eu aprendi com ele isso. Para o Paula Souza era isso: “O que vale em saúde é uma coisa chamada Centro de Saúde.” Não há como você pensar em... em... fazer, picotar isso, né?

CF - Aí as delegacias que o sr. tinha falado, tinha as delegacias estaduais da criança..., né?

WL - Aqui você não queira saber! Tinha... tinha o Departamento Estadual da Criança, era o DEC. Quando eu acabei com isso, você precisava ver, quase me mataram! (risos) ...

CF - Por quê? Bom, era o que o sr. tava falando, eram... eram...

WL - Eram feudos!

CF - ...feudos.

WL - Eram feudos.

CF - E o sr. conseguiu ter é, apoio político pra...? Porque o sr. deve recebido muita pressão, muita crítica...

WL - E caía tudo no governo. No governador.

CF - O sr. ... o sr. encaminhava tudo pro governador.

WL - O Sodré dizia: “Nem... Ele não faz nem o que eu peço!” E acabava. ... Foi formidável. O Sodré foi um sujeito formidável! Mudou o... mudou essa filosofia de... governo fazer ser... serviço, atender politiquinha, né? Bom, o que me xingavam na Assembléia e coisa, você nem queira saber, né!

CF - E o sr. conseguiu se manter à parte dessa... dessa (?).

WL - Eu não tomava conhecimento, né? Eu mandava falar com o Sodré. “Não quer, me tira. Põe outro aqui e tá bom!” Compreendeu?

CF - O sr. definiria que a sua posição seria uma posição estritamente técnica.

WL - Ah, exclusivamente!

CF - Toda a atuação política ficava a cargo do governador.

WL - Não, não tinha nada. Não tinha nada a ver com política! ... Isso me valeu... Sodré escreveu um livro.... de memórias. E ele faz uma referência lá a mim, que eu quase caí no chão, sabe?

CF - O que é que ele fala?

WL - Eu não me lembro, quer ver? Vou ver se acho. Ditadura, né? E o pessoal dava em cima da gente aqui, sabe? Eles achavam que tinha muito comunista aqui em São Paulo. ...

CF - Trabalhando na área da Saúde?

WL - É. ... E quando eu fui trabalhar com o Sodré, ele já me mostrou uma carta que ele tinha recebido de um amigo dele, dizendo que ele precisava abrir os olhos porque no governo dele tinha pelo menos 3 comunistas. Que era o Cintra, (ri) (?) Cintra, eu e o (Arroubas?). Bom. Então o Sodré... que ele recomendava que o Sodré mandasse ver a nossa ficha no DOPS. Então o Sodré mostrou a resposta.

Ele respondeu dizendo que sim, que agradecia muito o aviso e que ia mandar pedir a ficha, mas incluindo a dele também. (risos) Porque a dele devia ser pior do que a nossa.

CF - Mas o sr. sofreu alguma pressão...?

WL - Sim! Ih! De vez em quando, no tempo do Frota, não sei se você se lembra, uma vez que o Frota, aquele ministro, né?

CF - Sim. O Sílvio Frota.

WL - É. Publicou uma relação de comunistas infiltrados no serviço público, né? e dava por órgãos, dava os nomes e... aqui em São Paulo, Secretaria da Saúde, a lista. Então cheguei pra ele, chegou um... um coronel ou coisa parecida, né? “O sr. viu a lista, a relação de pessoal comunista aqui na secretaria?” Eu digo: “Eu vi sim.” “E o que é que o sr. tem a dizer?” Eu digo: “Bom, mas eu digo o seguinte, que infelizmente alguns dos nomes que estão lá, não sendo aqueles da Secretaria, não são. Não são da secretaria, né?” E eu gostaria que fossem, sabe? Porque é gente muito... (interrupção da fita)

Fita 2 - Lado A

WL - ...e os outros que estão lá... também eu acho que.... que é uma pena que não ter mais gente dessa qualidade, porque é gente de primeira ordem. Só a responsabilidade que você está assumindo. (???) quem assumia a responsabilidade por essa Secretaria. (ri) Maior do que essa não tem, sabe?! Agora isso mais, se esse pessoal trabalhando aqui, dentro do que eu informo que eles não podem fazer nem... como eu também, nem ninguém, pode fazer nenhuma espécie de atuação política no cargo, né? Agora, fora, pode fazer o que quiser! Se eles forem botar bomba em algum lugar, chama a polícia, não é comigo! Agora aqui, eles estão trabalhando como... dentro das atribuições deles. E isso aí eu tô pouco me incomodando se eles pensarem como comunistas ou não. Ele ficou brabo, saiu batendo o pé, mas ficou por isso mesmo.

CF - E isso bastou, dr. Lezer? Quer dizer, o sr. não... o sr. foi acatado. Quer dizer, ele não lhe fez mais nenhuma pressão...

WL - Não...! Depois ele encontrava comigo fazia uma cara feia.

CF - Então apesar dessas denúncias, não houve uma interferência direta no funcionamento da Secretaria, no trabalho que o sr. desenvolvia. Não, né?

WL - Não, não, não! Mesmo porque eu não dava bola, não dava, não havia meio, né? Mas eu não tinha que dar nada, porque depois eles cassaram professores aqui da universidade, né? Amigos meus, amigos de primeira qualidade. (Uma vez eu estava despachando com?) o Abreu Sodré, quando veio... .. (pausa na gravação?) (fundação?).

CF - E aí?

WL - E aí o Sodrê chamou o sujeito e disse: “Telefona pro Hélio.” O Hélio era o secretário, era o reitor. Tinha sido meu assistente na faculdade. Meu amigo. Então ele disse: “Telefona pro Hélio. Diz pra ele não fazer nada sem falar comigo.” O sujeito voltou e disse: “Não, ele já fez.” (ri) Ele já tinha mandado um telegrama pro (?) e Silva, dizendo o diabo, né?! E protestando. E ele já foi cassado também. Aí eu disse pro Sodrê: “Bom, eu não posso ficar. Porque essa pessoa é meu amigo. Meu amigo e eu acho que isso é uma violência sem nome, né, contra a universidade, contra...! Então eu também tenho que sair.” Ele disse: “Bom, eu respeito muito, eu acho que você tem toda razão, que se eu pudesse fazia o mesmo. Eu também gostaria de largar isso aqui. Mas é isso que eles estão esperando. Eles estão esperando que a gente saia pra vir o (?) e Silva como interventor em São Paulo.” Eu digo: “Mas isso o sr., eu não! Eu sou um coitadinho, né?” Ele disse: “O que me adianta? Você vai passar um telegrama pra ele? Primeiro ninguém vai publicar esse telegrama, ninguém vai saber. E... o que é que acontece? Você fazendo isso há outros secretários aqui que vão se sentir na mesma situação. Que é o Cintra, que é o (Arroubas?) ... E isso vai dar pretexto pra eles então pra declarar uma situação de crise em São Paulo e intervenção. Então, você precisa pensar.” O pior é que ele disse: “Eu também gostaria de fazer isso.” Disse: “Bom, em todo o caso você fala com o Jairo.” O Jairo que era amigo dele também, né, e meu amigo. O Jairo Ramos, um homem extraordinário. Então eu fui falar com o Jairo. O Jairo disse: “Realmente eu acho que você deveria sair. Mas vamos falar com o Sodrê de noite.” Fomos lá. Aí o... Jairo disse, o Sodrê disse: “Olha Jairo, ficar... sair é fácil, ficar é difícil. Mas se o Lezer sair ele vai puxar uma fila que vai levar a essa situação.” Ele disse: “Eu também gostaria de fazer isso, e eu poderia fazer mais fácil isso porque eu sou (rico?).” E era mesmo, né? “Eu vou pra Europa e fico lá esperando porque daqui a pouco então isso pra mim vai ser um trunfo, né, mais tarde, como ato heróico, né? Mas eu não posso fazer isso porque eu vou entregar São Paulo na mão dessa gente.” Aí o Jairo disse: “É, você tem razão. Você tem que agüentar.”

CF - Era muita responsabilidade, né? Uma decisão.

WL - É, pois é!

CF - Aí então o sr. desistiu, o sr. continuou. Não...

WL - Eu continuei.

CF - ...não saiu. E como é que foi depois disso? Foi muito difícil? Continuar num momento assim de crise?

WL - Não! Eu continuei na mesma... na mesma posição na Secretaria! Não... não aceitei nenhuma imposição de ninguém, né?

CF - Apesar de tudo o sr. conseguiu preservar a sua autonomia. Pra...

WL - Ah, sim!

CF - ...pra (?). Dr. Lezer, eu tava vendo aqui que junto com a... com a erradicação da varíola, o sr. também é... criou a carreira de médico sanitaria. Regulamentou...

WL - Na reforma.

CF - Na reforma, né? Como é que foi isso? Por que, como era antes?

WL - Não tinha.

CF - Não existia uma carreira de médico sanitарista regulamentada.

WL - Não. Não existia. O sujeito fazia um curso na Faculdade de Saúde Pública, né? Na Escola de Saúde Pública, né, escola... Instituto de Higiene. Fazia o curso quem queria, quem queria médico, tinha que ser médico da Secretaria. Mas o caso é que só vinha velho fazer o curso, né?

CF - É, o sr. tava falando.

WL - Pois é.

CF - Em que ano foi a reforma? Em que ano o sr. implementou a reforma?

WL - Em 67.

CF - 67. Quer dizer, até 1967 não havia em São Paulo a carreira de médico sanitарista?

WL - Não havia a carreira. Esse camarada que fazia esse curso, né? (ri) Mas também não servia pra nada. E também ele também não queria, né? No fundo ele não queria nada. Aí...

CF - E os médicos sanitарistas que trabalhavam nos órgãos federais? Quer dizer, ...

WL - Ah, isso eu não sei! Isso eu não sei.

CF - No Ministério da Saúde...

WL - Isso eu não sei. Eu não sei como era no serviço federal.

CF - Mas dentro do... serviço estadual, serviço público estadual, então não havia até sua gestão.

WL - Não.

CF - Deixa eu lhe perguntar outra coisa, dr. Lezer, como é que era a relação com o SESP? O Serviço Especial de Saúde Pública?

WL - Nenhuma.

CF - Tinha... não tinha nenhuma relação?

WL - Nenhuma!

CF - ...nenhum tipo de colaboração?

WL - Não, não, não...!

CF - Nada?

WL - Nunca deram bola, nem nós! (ri)

CF - Se houvesse por exemplo, uma... uma situação de calamidade pública, de enchente em alguma cidade do interior...

WL - Aconteceu coisa pior! Aquele desastre de Caraguatatuba.

CF - Eu não lembro disso.

WL - Não se lembra?

CF - Não.

WL - Isso aí foi logo no começo do governo Sodr . Então eu ia, tava viajando, voltando... eu tinha um sítio que eu ia passar o domingo, eu ia vindo de automóvel, ouvi a notícia. Caraguatatuba é ali no litoral, tem aquela montanha, a montanha desabou. Desabou. Então, quer dizer, a estrada ficou in...

CF - Tudo soterrado.

WL - Soterrada. Lá embaixo, a lama entrou na cidade inteira, n , foi uma coisa tremenda! Eu ouvi aquela notícia, eu liguei pra São Paulo então fui direto pra... naquele tempo o governador morava no Palácio de Campos El sios, não era ainda nesse. Fui lá pra casa dele, n , e ele: “Ah, foi bom você chegar, eu tava te esperando mesmo, é preciso ver o que se faz l , né?” Eu digo: “Olha governador, eu acho que o problema l , pelo que eu t  ouvindo,    gua. Porque todo o sistema de abastecimento foi destruído, n ?”

CF - Contaminado.

WL - “Então  gua   o principal. E então eu vou pra lá amanhã cedo. Amanhã, na hora que der pra sair o helicóptero eu já saio.” E já chamei um camarada que trabalhava comigo, que era meu chefe de gabinete e eu digo: “Escuta uma coisa, você não sabe de alguém aí que esteja publicando hipoclorito estabilizado?” Ele disse: “Tem um sujeito do Lutz l  que tá fazendo um...” “Então você vai na casa dele, de noite, (ri) tira ele de l  pra ele ir buscar no depósito, já leva pro aeroporto, botar no helicóptero e vamos já levar isso pra lá.” Foi a primeira vez que se usou numa calamidade pública, desse tipo, o hipoclorito. Porque aqui em São Paulo, na hora que você falava nisso, todo mundo já corria pra pegar vacina contra a febre tifóide. Uma estupidez, né, porque adianta nada, n ? Então...

CF - Foi a primeira vez que usaram?

WL - Primeira vez. Primeiro hipoclorito.

CF - E o SESP? Aí... o SESP não participou de nenhuma ajuda nesse sentido, nessa...?

WL - O que é SESP?

CF - O Serviço Especial de Saúde Pública.

WL - Não, nisso aqui não. Ninguém... São Paulo foi sempre sozinho. (ri)

CF - Mas o SESP tinha serviços aqui, de... de controle da água..., né? E nesse episódio de Caraguatatuba não...

WL - Eles tinham um negócio de... de peste, senão me engano.

CF - É, mas aí não...

WL - Não tinha nada a ver com o peixe. Não, não! Positivamente os órgãos federais aqui não...

CF - Não interferiam, não participavam, não...

WL - Que eu saiba não. Bom, o fato é que eu bati no dia seguinte pra lá e quando eu cheguei lá, do helicóptero, o médico de lá veio correndo: “Trouxe a vacina?”

CF - A primeira coisa que perguntavam.

WL - Era uma reação, sabe, né? Eu digo: “Não, calma, sossega... tem alguém aí com a cabeça fresca?” Porque tava todo mundo daquele jeito, né? Aí tinha um sujeito que era gerente de banco: “Eu tô.” “Então você vai fazer o seguinte: você vai pegar esse hipoclorito, vai reunir uma turma de funcionários seus e vai correr a cidade, casa por casa, e entregar esse vidrinho e avisar pro sujeito botar uma gota disso (ri) em cada litro de água ou coisa parecida, né? E evitar e coisa, beber dessa água, não beber outra água.” Com isso nós atravessamos esse problema lá sem nenhum problema de infecção intestinal.

CF - Conseguiu dar, fazer...

WL - Foi o primeiro sucesso do hipoclorito. Aí... em outros lugares, o Paula de Almeida Machado, eu contei isso pra ele, e ele então em outros lugares do Brasil, quando acontecia um negócio desses, ele dizia: “Manda hipoclorito, né!” (ri) É claro!

CF - Aí começou a ser difundido pelo país, né?

WL - Ah, claro!

CF - Até então não se usava.

WL - Não... ninguém nem lembrava! E aqui então eu... aqui em São Paulo nós tínhamos, nessa época, a rede de abastecimento de água não tava pronta ainda, né? Tinha uma grande parte da cidade sem água encanada. Porque com o pessoal bebendo água de poço tudo contaminava, né? Então

resolvemos fazer um negócio de cloração domiciliar de água. (ri) Mas... em primeiro lugar vamos experimentar pra ver o que é que dá, né? Então eu fui na Escola Paulista, chamei o pessoal lá do centro acadêmico e digo: “Olha, eu preciso de gente pra trabalhar comigo. Domingo de manhã, nos bairros aí que eu vou fazer a experiência. Vou fazer uma experiência.” Peguei dois bairros: um na zona norte e outro na zona sul. Os dois sem serviço de água. Bom. E... .. disse: “Então vocês vão, num domingo de manhã, vocês vão de casa em casa pra saber onde é que tem criança, né? E perguntar pras mães quantas vezes no ano que está acabando, elas precisaram socorro de médico, de centro de saúde, qualquer coisa, pra criança com diarreia. Bom, vocês fazem isso num domingo, né?” E...

CF - Quer dizer, o sr. tava fazendo duas coisas: o sr. tava recolhendo informações pra...

WL - Sim! É pesquisa! Pesquisa, né?

CF - ...pra poder colher dados, né, pra uma...

WL - Pois é, pesquisa mesmo!

CF - ...estatística. E ao mesmo tempo...

WL - Bom. E aí... Bom. “E aí vocês dão então um vidrinho de hipoclorito. Explicam como é que ela tem que fazer: numa jarra de água, botar gotas e coisa e tal... Depois no outro bairro, vocês vão lá só pra saber, saber se teve diarreia no ano passado.” (ri)

CF - Ah, não deixou hipoclorito.

WL - Não deixei hipoclorito. Bom. E aí... o pessoal no outro, cada semana eles voltavam pra saber se tinha acontecido algum caso de diarreia, né?

CF - E isso foi feito durante quanto tempo?

WL - 5 meses. 5 meses.

CF - E aí? Com um grupo de estudantes da faculdade.

WL - Da Escola. Até hoje! Até hoje eu ainda encontro lá gente que é hoje professor lá e coisa: (ri) “Ah, doutor, o sr. não se lembra...”. Né?

CF - Aí depois de 5 meses o sr. ...

WL - Eles ganhavam um sanduíche. (risos) Aí no fim de 5 meses eu tava com os dados, né? Aí mostrou...

CF - Ficou evidente, né?

WL - Porque você tem que levar em conta que a variação de infecção intestinal, diarreia em criança, pode ser por... variação de ano pra ano, né? Um ano é mais quente que o outro, mais... né? Bom. De

maneiras que precisava ter, comparar justamente nessa, nas mesmas condições de variação. Bom. E justamente nesse ano, foi um ano que tinha menos diarreia, nos dois bairros. Mas muito, mas muito menos, no bairro com hipoclorito. Quer dizer, isso comprovou o valor do hipoclorito. Aí nós passamos o hipoclorito pra cidade toda, onde não houvesse água encanada.

CF - Hum. E como ele era distribuído?

WL - Nos centros de saúde.

CF - Nos centros de saúde. ... Quer dizer, o centro de saúde era o foco, era o ponto...

WL - Ah, é claro! O centro de saúde...

CF - ...que funcionava que...

WL - Pra mim a unidade é o centro de saúde. Mas o...

CF - Agora, o centro de saúde, pra ele funcionar no esquema que o sr., da forma como sr. montou e organizou aqui, ele depende muita da decisão... de uma vontade política do secretário de Saúde e do governador! Né?

WL - É possível.

CF - Pra ele funcionar em outros estados.

WL - É, possivelmente. Eu não sei. Eu não sei, a situação em outros estados eu não sei. Mas aqui...

CF - A partir dessa experiência de São Paulo, o sr. não sabe se isso foi importante, não serviu como exemplo pra ser aplicado em outros lugares...?

WL - Não. Não, não! Não sei. Mas é... Pra mim esse país, pra mim isso é uma coisa tão clara! (ri) Você tem uma unidade, né?! Uma unidade é responsável por saúde naquela área!

CF - Isso é importante. No Rio de Janeiro, né, o... Fontenelle, né, José Paranhos Fontenelle. Ele implementou, né, alguns centros de saúde...

WL - É.

CF - ...que ele chamava de Unidades Sanitárias, que eram exatamente os centros, que eram os focos de prestação de serviço pra se fazer..., né? Agora, essa lógica era uma lógica muito... quer dizer, foi uma orientação a partir de um curso que ele fez nos Estados Unidos, da mesma maneira que o Paula Souza, né?...

WL - O Paula Souza, foi.

CF - ...quer dizer, havia uma orientação (??)...

WL - Quem faz um curso desses, acaba com essa... Eu aprendi com o Paula Souza. E... (ri)

CF - E funcionou, né?

WL - Ele foi quem criou os primeiros centros de saúde aqui em São Paulo no tempo que ele assumiu o chamado Serviço Sanitário. Não era nem Secretaria.

CF - E por que é que o sr. acha que esse tipo de serviço do jeito que funcionava, não pode ser mantido. Não pode ser preservado?

WL - Não, aqui em São Paulo, de uma certa forma, é mantido, eu acho.

CF - O sr. acha.

WL - Eu não sei. Eu não sei. Não tenho...

CF - Não, eu também não conheço...

WL - Eu não tenho elementos pra...

CF - ...o serviço estadual de São Paulo assim detalhado...

WL - Mas o secretário atual é um sujeito muito bom! O Guedes, ele trabalhava comigo, né?

CF - Mas o centro de saúde ainda é hoje aqui, o foco?

WL - Deve ser. Deve... deve trabalhar com esse espírito. Pelo menos que eu saiba. Porque o Guedes é um camarada inteligente e sério e... É um sanitarista mesmo.

CF - E voltando um pouquinho, dr. Lezer, quer dizer ao fato do sr. ter regulamentado a carreira de sanitarista aqui, no estado, né, de São Paulo, né? E... essa regulamentação, ela teve... repercutiu pra aumentar o número de médicos interessados em seguir a carreira na saúde pública?

WL - Não...! Eu não sei, eu não sei.! Porque na... nos primeiros, naqueles anos que nós fizemos aquele curso, né, 3 anos, foram 300 sanitaristas novos que entraram, né?

CF - Um grande número, né?

WL - Pois é. Mas a carreira também tinha vários degraus, né? E criou-se um problema no começo porque logo entupiu o primeiro degrau, o número de vagas do primeiro degrau, né? Então ... e aí então, eu mexi os pauzinhos, né, e consegui passar, passar uma lei complementar acabando com o interstício, compreende? (ri) Então o sujeito fazia um ano de... de nível 1, já fazia...

CF - Já passava pro nível 2.

WL - ...e isso permitia então, né? Mas...

CF - Pra aumentar os quadros, né, dentro da Secretaria, né?

WL - Claro! Mas...

CF - E o sr. teve dificuldade pra conseguir isso? Não.

WL - Essa lei? Não! Que o quê!

CF - Foi tranqüilo.

WL - Não! Fácil. O negócio é que... Depois... aconteceu uma coisa que eu previa, um pouco fácil de prever. Esses sanitaristas vão trabalhar na periferia, naquelas condições que você sabe. Não é? Você imaginar que o sujeito pode resistir à tentação de dizer: “Precisa mudar isso.” Compreende? Não é que você diz: “Precisa mudar isso.”, porque se houve lá em cima o quê? Comunismo. Então começaram a ser acusados de comunistas. E então no governo do Maluf, praticamente liquidaram com a carreira. Acabaram com a carreira de sanitarista, não tem mais.

CF - Mas liquidaram como? Essas pessoas foram mandadas embora ou...

WL - Não chamaram... Não abriram mais concurso pra ingresso, nem nada.

CF - E os sanitaristas que já existiam aos poucos foram...

CF - Não... Vai diluindo, né, muito pouco. Mas foi no governo do Maluf que começaram essa...

CF - Porque na realidade não dá pra separar, né, dr. Lezer? Quer dizer, como é que a pessoa, uma pessoa que trabalha com saúde pública, vai estar o tempo inteiro fazendo relação entre condições de vida...

WL - É claro! É claro!

CF - ...e saúde, né? Isso é...

WL - Eu já fazia reuniões com esses sanitaristas eu explicava, eu dizia pra eles: “Olha, eu tô vendo como vocês estão vendo qual é a situação de vida dessas comunidades, essa pobreza, essa miséria, né? Mas são coisas que nós, sanitaristas, não podemos mudar. Isso não cabe a nós, isso é em outras esferas do governo. O que nós podemos fazer é fazer tudo nosso que é possível no campo da saúde pública, pra minorar as conseqüências.”

CF - E eles concordavam com o sr.?

WL - Concordavam por fora, mas por dentro não, né? (ri)

CF - E o que é que o sr. acha, quer dizer, depois já no início dos anos 70, até meados dos anos 70, começam a surgir, né, a... os grupos que se organizam pra puxar a famosa reforma sanitária que vai depois gerar o Sistema Único de Saúde..., né? Quer dizer, esses grupos, alguns grupos vieram de

Campinas, de São Paulo, né, do Rio de Janeiro... houve a criação do (SEBRES?) da ABRASCO... Isso tudo ao longo da década de 70. Né? Como é que o sr. vê isso, dr. Lezer?

WL - Acho que mais de 70 anos! Mais de 80, eu acho.

CF - É mais já... porque o SEBRES e a ABRASCO foram criados na... o SEBRES é de 76, ABRASCO é de 79... aí já começa a haver uma... uma organização, né, dentro do...

WL - Eu não sei. Eu nunca vi muito resultado em nada disso.

CF - Nas propostas de centralização, municipalização..., né, que eram assim as duas propostas principais...

WL - Foi em 76 mais ou menos, houve uma Conferência Nacional da Saúde. Aqui em São Paulo. Então um grupo de... sanitaristas que trabalhavam comigo, entre eles o Guedes que atualmente é secretário, ... o... o Rui, Rui... que é professor da faculdade de Saúde Pública, ... e outros. Eles apresentaram um projeto: Sistema Nacional de Saúde. ... Que a base era essa: Centros de Saúde. ...

CF - Se montar um sistema no país inteiro, centrado em centros de saúde.

WL - Centros de saúde. E com um nível de atendimento a nível primário, nível secundário no hospital ou num consultório especializado, né, que seria preciso pensar que num momento o sujeito do centro de saúde encaminha o paciente para uma consulta e volta, né? Um... um sistema de... Tem um nome esse negócio, de ligação, né? E a mesma maneira desses daí pro hospital. Mas tudo isso diante de uma... uma organização que parte da porta de entrada, é o centro de saúde. ... Mas no fim isso aí acabou...

CF - E ele apresentou essa proposta na Conferência Nacional da Saúde. E não teve uma boa aceitação.

WL - Não sei. Não sei. acabou com esse negócio de SUS, né? O SUS não é mais que, é apenas repasse de dinheiro. Eu não sei se é o suficiente, né? Esse negócio de você dizer: "Não, isso é pago pelo SUS." Quem tá pagando? Que pessoa está pagando? Não sei, né? Eu também tô fora, tô muito fora das coisas. Não sei. Talvez se conversasse vez por outra, eles poderiam me explicar. Mas eu não... eu não quero saber, sabe?

CF - Tem que haver alguma forma de controle sobre... sobre esse gerenciamento dessa verba, né?

WL - É, mas não é só, não é só o gerenciamento da verba. Mas a maneira como ela é usada.

CF - Agora, o sr. acha que a proposta de municipalização é uma proposta é... viável, ela seria a melhor forma de se... desenvolver um sistema de saúde no Brasil?

WL - Eu acho que é... é... precisa pensar duas vezes. Porque municipalização, pelo que eu tenho visto, entregam à prefeitura a execução do serviço. Bom, eu conheço prefeitos. Um grande número deles é de uma ignorância de pai e mãe, né? Se você entregar dinheiro pra Saúde na mão dessa

gente, eu acho perigoso. E muitas vezes você vê que ele acaba nomeando secretário da Saúde a mulher dele, né? (risos) É... Seria... seria uma coisa boa se houvesse um jeito de disciplinar, né, mas eu não sei como. Nunca pensei nisso.

CF - Agora, essa proposta de focar, de destacar o centro de saúde como o ponto de entrada principal, né, pra o atendimento médico à população, isso não teria que ser feito por quem então, pelo Estado? A prefeitura não teria condição? O sr. acha que seria o Estado, é isso?

WL - Eu acho que devia ser pelo Estado. Porque prefeito, a prefeitura você sempre tem o risco da qualidade do prefeito. Porque no estado você pode ter uma certa categorização do pessoal, né? Você já imaginou? Eu conheço esse interior, tem cada... E aqui em São Paulo, hem? Agora você imaginou no resto do Brasil?

CF - O sr. viajou muito pelo interior de São Paulo, né?

WL - Muito, muito, muito! Eu conheço cada município, cada... Eu fui duas vezes secretário, isso é que é o pior, né? O azar meu foi esse!

CF - Mas o sr. acha que foi azar? (ri)

WL - É claro! Depois que eu larguei a primeira vez, eu dei: “Pôxa, graças a Deus, né?” Fiquei 4 anos... aí veio o Paulo Egídio e... me chama, né? Eu disse pra ele: “Nem sonhando! Nem pense nisso, né?! Não era nem 4 anos, eu sofri 4 anos, não quero mais saber disso, né?” “Não, não é... eu não abro... não aceito sua recusa... Eu vou esperar. Você pensa novamente, nós vamos discutir outra vez.” Eu digo: “Não adianta mais perder tempo porque eu não quero saber!” Chega de noite aqui, quem toca a campainha? Era o Sodré. (risos) “Você falou com o Paulo?” Eu: “Falei.” “O que é que você disse?” “Eu disse que não! Puxa, eu já disse...!” “Mas você não pode. Você não sabe o que fizeram naquela secretaria, tem que voltar pra lá.” E acabaram me pegando mais 4 anos. (risos)

CF - Aí ele convenceu o sr.

WL - Convenceu não, mas foi meio à força, 4 anos.

CF - E como foi a segunda gestão, dr. Lezer?

WL - Também, foi complicada. A começar com a meningite, né? Eu entrei com a meningite a todo pano, né? E a vacina não tinha chegado.

CF - Já se produzia vacina de meningite no Brasil naquela época ou ela vinha de fora?

WL - Não, não, não, não...! Só se produziu depois. O Paulo... o Eduardo é que produziu a primeira. Lá no Rio.

CF - (??)

WL - É. Mas foi depois, né? Aquela foi importante.

CF - Vinha da onde? O sr. lembra?

WL - Lá do (Merriée?), da França.

CF - Vinha tudo do Merriée, direto?

WL - É, do Merriée. Mas aí, qualquer coisa eu, quando eu ia entrar o Paula de Almeida Machado veio falar comigo, disse: “Olha, Lezer, eu tô com a vacina lá. Mas eu não tenho coragem de largar na mão de qualquer um porque eu não sei o que vão fazer. (ri) De maneira que eu prefiro esperar uns poucos dias pra você entrar e você tomar conta disso, porque senão não tenho...” Eu digo: “Bom, (ri) que bela bomba que você vai me dar, né?!” Porque é uma coisa de louco, né? Você imaginar que, a gente tinha que fazer e depressa. ...